

Emudecido pelo sofrimento, o menino
entregou um desenho a Papai Noel

Milagre de Natal

Por **INDRA SHARMA**

ERA O DIA de Natal de 1988. Longe de casa, fui despertada pela algazarra estridente dos papagaios e araras que voavam alegremente junto de minha janela. Estava na casa de Shirl, minha tia viúva, que morava na Ilha de Leguan, na Guiana.

Quando me levantava da cama de fibra de coqueiro, Bro, meu primo de 10 anos, entrou no quarto, trazendo uma vasilha plástica com água para a minha higiene matinal. Seus olhos castanhos travessos brilhavam. “Tia-prima, a sala da mamãe ficou linda!”

Abracei-o antes que ele corresse pela escada em direção à cozinha ao ar livre, debaixo da casa, que se apoiava sobre estacas de madeira de

três metros de altura – precaução contra as inundações provocadas pelas chuvas tropicais.

Enquanto me lavava, tinha dificuldade em acreditar que estivesse mesmo ali, e fui tomada pela saudade de casa, em Elmvale, Ontário. Sentia falta de minha família – minhas duas irmãs, meus três irmãos e seus filhos –, da neve nos pinheiros e do fogão de lenha crepitando e espalhando seu calor na sala da casa de fazenda.

No entanto, vários anos antes, eu prometera à minha mãe, agora falecida, que passaria um Natal com sua irmã naquela ilha de 46 quilômetros quadrados. Deixando de lado a nostalgia, entrei na sala de minha tia, onde guirlandas e sinos de Natal enfeitavam as vigas e paredes rústicas.



As crianças ficaram em êxtase. Aqueles seriam seus únicos presentes de Natal.

Na noite da véspera, eu trabalhara durante horas para pendurar os enfeites, à luz de lampiões – na ilha era comum a falta de eletricidade e água encanada –, e agora, com a claridade do dia, a decoração parecia absurdamente festiva.

Minha tia estava fazendo geléia de manga num fogão de barro. Além da entrada da cozinha viam-se bancos onde estavam sentadas dezenas de crianças da aldeia, limpas e vestidas com suas melhores roupas. Nesse dia, tia Shirl lhes ofereceria uma refeição de Natal, com frango, arroz e bolo de frutas, um luxo num local em que a renda da maioria dos moradores provinha do cultivo do arroz.

Quando me viram, as crianças me ofereceram braçadas de flores colhidas nos jardins dos pais. Enquanto as arrumávamos em garrafas plásticas, fiquei prestando atenção num menino de 7 anos, de cabelos encaracolados e covinhas, chamado Tony.

Tony ficara mudo depois da morte do irmão de 9 anos, meses antes. O irmão tentara trepar num coqueiro e caíra, fraturando o crânio. Não havia recursos para ajudar Tony a tratar do trauma provocado pela perda.

Como já fizera em outros dias, fui falar com ele quando o vi. “Hoje vamos todos ver Papai Noel, não vamos?”, comentei, esperando animá-lo. “Ele vai ao armazém.”

O menino me olhou e sorriu, encabulado. Umass duas horas depois estávamos a caminho do armazém, a um quarteirão da casa de minha tia, cantando músicas de Natal no calor de 30° C.

As CRIANÇAS gritaram de alegria ao ver Papai Noel, aconchegado numa poltrona num canto caiado da loja. Ao contrário dos papais-noéis de minha terra, aquele era muito magro e usava uma máscara de papelão. Sua fantasia não tinha barba artificial nem maquiagem. Dei-lhe dinheiro e cada um ganhou um saquinho com um apito e algumas balas. As crianças ficaram extasiadas. Aqueles seriam os únicos presentes de Natal que ganhariam.

Quando chegou a vez de Tony sentar-se no colo de Papai Noel, ele lhe entregou um papel desbotado com o desenho infantil, a lápis, de uma árvore de Natal, no qual se via escrito “Sonny”, nome do irmão morto. Quando Papai Noel olhou o menino, em silêncio, eu disse: “Diga-lhe que os desejos se realizam.” Papai Noel assim fez e voltamos para casa. Ao chegarmos, passei por tia Shirl, que ainda trabalhava na cozinha, e avisei: “Vou subir para descansar um pouco.” Mas eu tinha um plano.

De volta ao quarto, puxei minhas duas valises que estavam embaixo

da cama e esvaziei-as. A haste e os ramos de um pinheiro escocês artificial, alguns enfeites baratos e fitas vermelhas e prateadas rolaram pelo chão. Num impulso de última hora, eu resolvera levar a árvore e os enfeites.

Mais tarde, às 18 horas, ouvi a voz suave de minha tia: “Filha, desça para jantar!”

Cansada mas feliz, entrei na cozinha perfumada com o aroma da comida na mesa. Cinco dos oito filhos de tia Shirl estavam presentes, variando em idade dos 10 aos 18 anos, aguardando a refeição de arroz com frango.

Após o jantar, pedi a Bro: “Agora vá buscar Tony e as outras crianças.” Ele logo chegou com elas e minha tia acendeu vários lampiões.

Coloquei Tony na frente da fila, e então Bro e eu levamos todos pela escada até a sala. A noite parecia de veludo negro, com estrelas brilhantes e uma brisa suave como uma bênção.

Depois que Bro e eu colocamos os lampiões num banco de madeira, a sala pareceu animar-se aos olhos das crianças quando minha árvore de Natal foi revelada.

Tony postou-se diante da árvore, reluzente com os enfeites e a estrela de purpurina branca que faiscava à luz dos lampiões. A sala estava mer-

gulhada num silêncio misterioso quando, de repente, uma voz de criança exclamou:

– A árvore de Natal de Sonny! Papai Noel realizou meu desejo!

Seguiu-se um caos repentino e alegre.

– Tony está falando! – exclamou Bro. – Corram para chamar a família dele!

A notícia foi despachada, enquanto Tony, esquecido de tudo, permanecia sentado diante da árvore com um sorriso encantado no rosto.

Que noite de Natal foi aquela! A pequena casa se encheu com os aldeões e seus filhos. Cantamos músicas de Natal acompanhados pelos sons melancólicos de uma harmônica e um violão, enquanto minha tia distribuía comida. Dei às crianças balas importadas, lápis de cor e chaveiros.

Quando entreguei os presentes a Tony, ele me agradeceu: “Obrigado, Tia-prima!” e me abraçou com força. Dali em diante Tony se agarrou a mim, tagarelado feito matraca.

A certa altura, fiz as crianças se sentar em círculo e contei-lhes a história do Natal. Olhando para os rostinhos contentes, pensei Nele, cujo aniversário comemoramos e lembrei-me de suas palavras: “Deixai vir a mim as criancinhas.”

GARANTIA DE QUALIDADE

Numa oficina especializada em freios, em Cortland, Nova York:
“Não só assinamos embaixo do nosso trabalho, como também ficamos na frente dele sem medo.”

—DONALD L. OLSEN, *EUA*

Trace o futuro, mas trace-o a lápis. —JON BON JOVI

Aprendi que o brasileiro não quer ser “ex” em nada. O brasileiro quer ser alguma coisa na vida, um vencedor, e não quem foi e não é mais.

—LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, *O Globo*

Melhor dez pequenas preocupações do que uma grande.

—ditado iídiche, citado por NILTON BONDER em *Curativos para a alma (Rocco)*

Se os homens podem dirigir o mundo, por que não param de usar gravatas? Por acaso é sinal de inteligência começar o dia amarrando uma pequena força ao redor do pescoço?

—LINDA ELLERBEE em *The Seattle Post-Intelligencer*

Quem disse?

A diferença da paixão aos 30 e aos 50 é uma só: tranquilidade.

- a) Fábio Júnior
- b) Ângela Vieira
- c) Bruna Lombardi
- d) Chico Buarque

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

b) Ângela Vieira na Tudo

O melhor vinho é o que bebemos com os amigos.

—GILLES VINEAULT

O problema das pessoas que não têm defeitos é que, com certeza, têm virtudes terríveis.

—ELIZABETH TAYLOR

O erro do esnobe é colocar o bom gosto antes do bom coração.

—JOSEPH EPSTEIN, *Snobbery (Houghton Mifflin)*

Talento: algo que todos louvam, mas pelo qual ninguém quer pagar.

—ENRIQUE JARDIEL PONCELA, *El libro del convaleciente (Editorial Mar, Montevideu)*

O conteúdo mais profundo da vida de um homem é a cultura, que não é a combinação de imagens, livros e músicas, e sim um modo de vida.

—SÁNDOR MÁRAI